



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL  
CAMPUS CHAPECÓ  
CURSO DE GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS - LICENCIATURA**

**DAIANA FRANCIELI DA ROSA DE OLIVEIRA**

**EMPODERAMENTO FEMININO E MATERNIDADE: Análise das representações  
da mulher-mãe e seus discursos de negação**

**CHAPECÓ  
2017**

**DAIANA FRANCIELI DA ROSA DE OLIVEIRA**

**EMPODERAMENTO FEMININO E MATERNIDADE: Análise das representações  
da mulher-mãe e seus discursos de negação**

Trabalho de conclusão de curso de  
graduação apresentado como requisito  
para obtenção de grau de Licenciado  
em Ciências Sociais da Universidade  
Federal da Fronteira Sul.

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Camila Sissa  
Antunes

**CHAPECÓ**

**2017**

**PROGRAD/DBIB - Divisão de Bibliotecas**

OLIVEIRA, DAIANA FRANCIELI DA ROSA DE  
EMPODERAMENTO FEMININO E MATERNIDADE: Análise das  
representações da mulher-mãe e seus discursos de  
negação/ DAIANA FRANCIELI DA ROSA DE OLIVEIRA. -- 2017.  
51 f.

Orientador: Camila Sissa Antunes.  
Trabalho de conclusão de curso (graduação) -  
Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de ,  
Chapecó, SC, 2017.

1. EMPODERAMENTO FEMININO. 2. MATERNIDADE. 3. O PAPEL  
SOCIAL DA MULHER. 4. ESTRUTURA FAMILIAR. I. Antunes,  
Camila Sissa, orient. II. Universidade Federal da  
Fronteira Sul. III. Título.

**DAIANA FRANCIELI DA ROSA DE OLIVEIRA**

**EMPODERAMENTO FEMININO E MATERNIDADE: Análise das representações da mulher-mãe e seus discursos de negação**

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado como requisito para obtenção de grau de Licenciatura em Ciências Sociais da Universidade Federal da Fronteira sul.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> Camila Sissa Antunes

Este trabalho de conclusão de curso foi defendido e aprovado pela banca em: 15 / 12 / 17

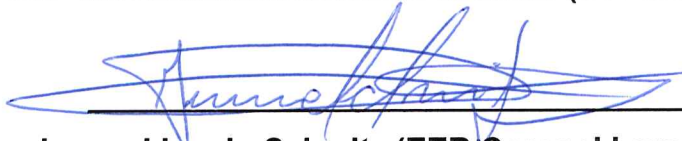
**BANCA EXAMINADORA**



\_\_\_\_\_  
**Profa Dr<sup>a</sup>. Camila Sissa Antunes (UFFS/Chapecó)**



\_\_\_\_\_  
**Prof.ª Me Alexandre Mauricio Matiello (UFFS/Chapecó)**



\_\_\_\_\_  
**Prof. Esp. Juvenal Inacio Schmitz (EEB Coronel Lara Ribas/Chapecó)**

**Membro da Banca Avaliadora**



Dedico este trabalho primeiramente a Deus, que sempre esteve comigo em todos os momentos, a minha família, em especial a minha irmã Elizandra, que sempre estendeu sua mão amiga e me motivou em toda minha caminhada acadêmica, não apenas no momento em que ingressei na universidade, mas em toda luta para chegar até ela.

Aos meus colegas que dividiram comigo esta caminhada, mesmo aqueles que por motivos diversos não puderam continuar esta graduação, mas que foram importantes da mesma forma, pois ao longo dos anos compartilhamos experiências, aprendizados e dificuldades.

Ao corpo docente que ao longo de minha graduação ajudaram, cada um à sua maneira, a ampliar meus horizontes de conhecimento, dividindo o seu saber e experiências conosco, e contribuindo para que eu pudesse evoluir acadêmica, intelectual e pessoalmente.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeira e especialmente as minhas orientadoras, Professora Maria Alice Canzi Ames, num primeiro momento e Camila Sissa Antunes, que me acompanhou na reta final deste trabalho, por serem desde o início atenciosas, prestativas, acessíveis e dispostas a encerrar este desafio comigo, me incentivando e auxiliando em todas as etapas deste processo.

Agradeço também a minha família por sempre incentivar e compreender a importância da formação acadêmica, e me propiciar na medida do possível as condições necessárias para que eu pudesse concluir esta graduação.

À Universidade Federal da Fronteira Sul, por contribuir para a democratização da educação em nossa região, que apesar das dificuldades de seus primeiros anos de fundação, permitiu que estudantes de escolas públicas, como eu, pudessem ser maioria em uma instituição de ensino superior, mostrando que não apenas as elites podem ter o privilégio de possuir um diploma de Bacharel ou Licenciado.

E ao Movimento “Pró-Universidade”, constituído por entidades, Movimentos Sociais, lideranças populares, e comunidade regional que lutaram brava e incessantemente durante anos para tornar realidade o sonho de construir uma instituição de ensino superior pública, gratuita, de qualidade e acima de tudo democrática.

"Quando promovemos o empoderamento das mulheres, estamos promovendo uma série de mudanças. A luta é constante e diária, e começa com um NÃO. Não calar, não aceitar, não abaixar a cabeça. Não podemos esquecer de onde tudo começa: dentro de cada um de nós!"

– Flávia Queiroz, Site *Risu*, Março 2017

## RESUMO

Este trabalho aborda o empoderamento feminino e a maternidade, e reflete a partir das representações sociais que constroem o lugar da mulher e do feminino atrelado à maternidade, criando a “mulher-mãe”. Tem como objetivo geral, analisar e compreender as mudanças mais pertinentes da forma de pensar e agir de um grupo de mulheres que buscam primeiro a sua independência socioeconômica, para depois decidir questões relacionadas a maternidade e também daquelas que optaram pela não maternidade. É dada ênfase aos discursos que refletem e/ou negam esta condição socialmente construída. Desenvolve-se a partir de revisão de literatura e discursos das mulheres que participaram deste trabalho, que foram no total 12 mulheres, com idade acima de 28 anos, sem filhos (com exceção de uma que teve filho após os 40 anos) e que, portanto, apresentam características opostas aos padrões culturais naturalizados socialmente, pelo senso comum. Essas mulheres, representam este novo modelo de vida que vem sendo adotado gradativamente pelas mulheres e que apresenta características abordadas em teorias feministas, tais como a do empoderamento feminino, que defende a participação e posicionamento social das mulheres em todos os campos sociais, políticos e econômicos. Dentre os temas abordados, está um importante debate voltado a questões relacionadas à maternidade e ao ato de não ser mãe. Para compreender esta nova visão utilizada por parte das mulheres da atualidade, foi necessário apresentar momentos históricos relevantes do gênero feminino, suas lutas e transformações, que resultaram na repaginação de parte mulheres. Dentre as entrevistadas, as concepções quanto ao tema foram apresentadas de diversas formas conforme a historicidade de cada uma, porém um ponto em comum em todas é a busca constante pela independência feminina, em contraponto aos costumes e hábitos impostos socialmente que reforçam o machismo e o patriarcado da nossa sociedade.

Palavras-chave: Mulher, Mãe, Maternidade, empoderamento feminino.

## ABSTRACT

This work addresses women's empowerment and motherhood, and reflects from the social representations that build the place of the woman and the feminine coupled to motherhood, creating the "mother-woman". Its general objective is to analyze and understand the most pertinent changes in the way of thinking and acting of a group of women who first seek their socioeconomic independence and then decide issues related to maternity and also those who have opted for non-maternity. Emphasis is placed on discourses that reflect and / or deny this socially constructed condition. It develops from literature review and speeches of the women who participated in this work, which were a total of 12 women, aged above 28 years, without children (except one who had children after 40 years) and who, therefore, present characteristics that are opposed to socially naturalized cultural standards, by common sense. These women represent this new model of life that has been gradually adopted by women and presents characteristics that are addressed in feminist theories, such as women's empowerment, which advocates the participation and social positioning of women in all social, political and economic fields. Among the topics addressed, there is an important debate focused on issues related to motherhood and the act of not being a mother. To understand this new vision used by women today, it was necessary to present relevant historical moments of the feminine gender, their struggles and transformations, which resulted in the repagination of women. Among the interviewees, conceptions about the theme were presented in different ways according to the historicity of each one, but a common point in all of them is the constant search for female independence, as opposed to the customs and socially imposed habits that reinforce machismo and patriarchy of our society.

Key words: Woman, Mother, Maternity, female empowerment.

## SUMÁRIO

|   |    |
|---|----|
| 1. INTRODUÇÃO:.....                           | 9  |
| 1.1 METODOLOGIA DE PESQUISA.....              | 16 |
| 2. O PAPEL SOCIAL DA MULHER.....              | 19 |
| 2.1 FAMÍLIAS/MULHERES NOS TEMPOS ANTIGOS..... | 19 |
| 2.1.1 ESTRUTURA FAMILIAR.....                 | 21 |
| 3. FAMÍLIAS/MULHERES NO TEMPO MODERNO .....   | 24 |
| 3.1 MULHER E O MERCADO DE TRABALHO.....       | 24 |
| 3.2 MULHER E A BELEZA FÍSICA.....             | 27 |
| 3.3 A MULHER E O ATO DE SE TORNAR MÃE.....    | 29 |
| 3.4 MULHERES E EMPODERAMENTO.....             | 30 |
| 3.5 MULHERES NO CONTEXTO CHAPECOENSE.....     | 31 |
| 4. EMPODERAMENTO FEMININO E MATERNIDADE.....  | 33 |
| 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....                  | 40 |
| REFERÊNCIAS.....                              | 43 |
| ANEXOS.....                                   | 46 |



## 1. INTRODUÇÃO

Para as mulheres, o ato de ser mãe é uma prática que acompanha a história da humanidade, está naturalizado socialmente e apresenta diversas faces, tendo como base o contexto histórico e cultural ao qual está inserido. Em nossa sociedade as mudanças dos padrões familiares afetam no adiamento da maternidade para idades mais avançadas, ou mesmo possibilitam sua negação, pois a mulher da atualidade, desenvolve diversas tarefas ao mesmo tempo, possui um controle de fertilidade e desta forma consegue escolher o melhor momento para se tornar mãe, decidir sobre seu próprio corpo e fazer isso de forma empoderada<sup>1</sup>. O conceito de empoderamento, por vezes entendido de forma diferente de acordo com o contexto teórico ou político, é aqui considerado como a ação para além da decisão individual, pois se entende que só há empoderamento quando há transformação pessoal, possibilitada e conectada às mudanças estruturais, neste caso estudado, no contexto do feminismo e da luta das mulheres. A este respeito, segundo Lagarde (1996)

O empoderamento das mulheres implica o desaparecimento dos mecanismos de poder patriarcais fundados na opressão das mulheres e necessita mudar normas, crenças, mentalidades, usos e costumes, práticas sociais e construir direitos das mulheres hoje inexistentes (LAGARDE, 1996 p. 112)

Ainda segundo a mesma autora, as mulheres em processo de empoderamento tem a capacidade de ser "(...) portadoras de mensagens, ideias e valores modernos, de recriar espaços tradicionais e de criar novos espaços para favorecer a causa das mulheres e lograr uma reordenação das relações com os homens" (LAGARDE, 1996, p. 158). Assim, neste trabalho ressalta-se que o empoderamento das mulheres, com relação a todos os temas que concernem a sua construção como sujeitas da sua história, mas especialmente com relação à construção de seus próprios corpos e identidade, como é o caso de decidir ou não pela maternidade, é um tema muito relevante, contribuindo para que o debate se amplie, e novas perspectivas sobre o lugar da mulher sejam discutidos sociologicamente.

---

1 É preciso destacar que fala-se isso, principalmente a partir das mulheres que fizeram parte da pesquisa, a maioria delas de classe média, presentes no meio acadêmico e muitas delas em contato com a teoria feminista. Sabe-se que a realidade social da maioria das mulheres ainda é continuamente viver os antagonismos de classe, raça e gênero, que impossibilitam, na maioria das vezes ações de resistência e questionamento à opressão machista.

Ao desenvolver esta pesquisa observei que ao lado de outras questões, como: busca por formação acadêmica, estabilidade econômica e preparação emocional, as mulheres vêm optando por serem mães mais adiante ou não serem mães pautadas em um discurso de empoderamento e controle de seus corpos, de suas escolhas e relações. Revelando, desta forma, uma perspectiva para pensar a concepção de mulher-mãe, termo que usamos neste trabalho para referenciar a lógica neutralizante do ser mulher e reprodutora.

Para este estudo, foca-se em compreender qual é o perfil de um grupo de mulheres de Chapecó (SC) e região, que buscam primeiro a sua independência socioeconômica, para depois decidir questões relacionadas à maternidade. Avançando por meio de uma análise qualitativa, podendo assim apresentar uma proposta que ultrapasse a abordagem tradicional e estigmatizada, onde a “nova” mulher possui a alternativa de optar pela maternidade após a realização de seus projetos pessoais, ou optar pela não maternidade.

Neste trabalho são abordadas questões voltadas a posição em que a mulher ocupa no contexto social, e as problemáticas decorrentes da questão de gênero. Estes temas sempre me chamaram muita atenção, e por esse motivo, no momento em que decidi sobre o que pesquisar, optei em estudar assuntos relacionados a mulher da atualidade e as mudanças e transformações ocorridas ao longo dos anos. Diante de tantas informações coletadas em leituras, percebi que a maternidade tem sido adiada por um número elevado de mulheres e me identifiquei dentro deste grupo. Esta questão sempre me provocou muitos questionamentos, e diante da visão crítica que sempre tive sobre este assunto, decidi me aprofundar e compreender melhor esse tema.

Hoje me vejo finalizando este trabalho conclusivo da faculdade, que foi um dos motivos pelos quais acabei adiando a gravidez e optei pela maternidade, estando neste momento grávida. Diante desta realidade percebo que este momento apresenta muitas mudanças e requer muita dedicação da mulher, pois as mudanças são diárias, e as responsabilidades em torno da mulher são maiores do que as impostas aos homens. A mulher tem preocupações com a saúde do bebê, com o seu corpo, com as questões financeiras, com as questões relacionadas ao mercado de trabalho, enfim, existe uma mudança considerável na vida da mulher ao se tornar mãe.

As questões relacionadas a mulher moderna sempre me chamaram muita



atenção, pois nunca achei justo a forma como as mulheres eram tratadas. Cresci vendo as mulheres do meu círculo social serem estigmatizadas por atos machistas e sem fundamento que se tornaram parte de uma estrutura social, onde as próprias mulheres aceitavam e reproduziam atos que legitimava a mulher como um objeto do homem.

Diante desta situação, comecei a observar como o ato de ser mãe era manipulado e determinado socialmente, onde existia um padrão a ser seguido. Mulheres que optavam por ter filhos depois da faixa dos 28 – 30 anos, sofriam preconceito social de uma forma muito discreta, porém cruel, excluindo tais mulheres da estrutura social onde estavam inseridas.

Alguns indivíduos são criticados socialmente pela forma de pensar e agir, devido a maneira com que levam suas vidas de forma contrária a considerada família tradicional. Quando um casal opta por não ter filhos, toda comunidade lhe vê com desconfiança, sem levar em conta que estes indivíduos são livres e podem moldar o seu futuro da forma que mais lhes agrade.

Outra questão que se arrasta a décadas, é aquela visão ultrapassada de que toda mulher possui um instinto materno, essa relação que foi criada no passado, confundia instinto sexual com instinto maternal, o que realmente acontecia naquele tempo, era uma reprodução rápida e sequencial, devido à falta de informação e métodos contraceptivos. Os costumes tradicionais que surgiram naquela época, segue até os dias atuais, ou seja, a sociedade espera que toda mulher case e logo em seguida tenha filhos, pré-determinando a sua idade ideal, caso as coisas ocorram de outra forma, estas mulheres serão rotuladas como problemáticas, detentoras de algum distúrbio.

As razões que estiveram a favor da reprodução ao longo do tempo não existem mais, estamos vivendo em momentos muito diferentes de outrora, não se pode ter filhos pensando em um retorno, nem financeiro, nem de cuidados. Cada ser quando chega à maturidade segue o seu destino, as motivações atuais para ser mãe devem ser outras, e por esse motivo que cada indivíduo, precisa avaliar e decidir o momento certo para assumir tal responsabilidade, este ato não é obrigatório, mas sim facultativo, e caso não o queira, esse indivíduo deve ser respeitado.

Ao abordar esse contexto através de uma visão sociológica, observa-se que desde a antiguidade clássica até os tempos atuais o papel da mulher dentro da estrutura familiar vem mudando, sendo assim é muito difícil estabelecer um tipo de

“família padrão” e o lugar ideal da mulher nesta nova estrutura familiar. O modo que a mulher se comporta, também é variada conforme o contexto social, cultural ao qual está inserida. A seguir apresenta-se um breve contexto social e cultural do lugar em que as mulheres que fazem parte deste estudo vivem.

A mulher por muitas vezes ao longo da história foi objeto de posse masculina, obrigada a cumprir várias imposições rigorosas. Logo ao se tornar jovem, já era obrigada a casar. O ato de compor a família fazia da mulher um mero instrumento para a perpetuação da prole. Suas obrigações eram basicamente as tarefas domésticas, cuidado com os filhos e com o marido. A exaustão das mulheres neste modelo social as instigou a criação dos movimentos feministas, que ocorreram basicamente em três momentos distintos.

A Revolução Feminista que ocorreu na década de 1960 veio para mudar a condição social da mulher, pois não aceitavam uma mulher que obtivessem os mesmos direitos que um homem, tanto como o direito de estudar, trabalhar fora de seu lar, de votar e tantas outras coisas que no mundo de hoje consideramos ser normal (MORAES, 2012).

Na década de 1960 este movimento ganhou força, pois foi um momento que ocorreu um aperfeiçoamento dos métodos contraceptivos o que resulta em uma libertação sexual, e também na quebra do paradigma, que afirmava que o ato sexual era somente para procriação. Na década de 1990 iniciou o terceiro momento de impacto dos movimentos feministas, nele observou-se que apesar das conquistas adquiridas pelas mulheres em vários âmbitos, elas ainda sofriam muitas violências, tanto físicas como psicológicas. Ainda hoje, existem muitas culturas que moldam as mulheres através de uma visão machista, não respeitando as diferenças de gênero (CANCIAN, 2008).

A autora Judith Butler (2017) aborda a teoria de gênero, onde afirma:

A cada um de nós é atribuído um gênero no nascimento, o que significa que somos nomeados por nossos pais, ou pelas instituições sociais de certas maneiras. Às vezes, com a atribuição do gênero, um conjunto de expectativas é transmitido: esta é uma menina, então ela vai, quando crescer, assumir o papel tradicional da mulher na família e no trabalho; este é um menino, então ele assumirá uma posição previsível na sociedade como homem (BUTLER, 2017, p. 06).

Ao apresentar tal contexto, a autora expõe um modelo social construído e atribuído como legítimo, onde o indivíduo deve se adequar ao modelo cultural do



local onde vive, para ser inserido e aceito socialmente. Neste discurso ocorre uma delimitação de ações conforme o gênero, ou seja, mulheres devem assumir determinadas posturas sociais e homens outras.

A luta feminina tem o objetivo de garantir novos valores sociais, nova moral e nova cultura pondo fim à opressão à qual estavam sujeitas. Esse adestramento dos corpos é relatado por Foucault (1975), o qual afirma que ao surgir o indivíduo, é necessária uma forma de controle sobre ele, e para isso são criadas as instituições, as quais têm a obrigação de aplicar o poder disciplinar, mantendo assim a ordem social. A domesticação faz os indivíduos interiorizarem o que lhe é proposto, sendo assim estes se tornam mais úteis para a sociedade.

O poder disciplinar exposto pelo autor comprova o comportamento regular do gênero feminino, que mesmo camuflado apresenta costumes naturalizados ao longo dos anos, impostos pelo meio social e cultural ao qual estas mulheres foram submetidas.

Hoje parte das mulheres adotou um modelo social onde os ideais de igualdade passaram a substituir os de autoridade e hierarquia da família (até então ocupados pelo homem), em torno desta nova realidade, a mulher deixa de ser somente dona de casa, assumindo uma independência financeira e intelectual. Abrindo espaço para pensar e decidir o momento exato para a encarar a maternidade, tendo consciência das questões biológicas (período onde a mulher está mais fértil, tendo maior facilidade para engravidar), ou optando em não ter filhos, sem deixar de lado, as questões que lhe garantam o cumprimento de seus objetivos pessoais.

Esta nova estrutura do pensamento social feminino será demonstrada mais adiante pelos dados coletados nesta pesquisa, que abordou, através de uma pesquisa qualitativa 12 mulheres, sendo que parte delas tiveram filhos após 28 anos, outras ainda com esta mesma idade não engravidaram e também será demonstrado aquelas que não querem ter filhos. Este grupo de mulheres foram selecionadas partindo do meu círculo de amizade, pois em conversas informais me deparei com vários relatos semelhantes referente aos anseios femininos quanto a maternidade e partindo desta questão social, me propus a pesquisar tal tema, para compreender o papel da mulher na sociedade atual.

Sabe-se que a gravidez afeta a mulher de uma forma geral, permeando todas as suas atividades. Neste momento, a mulher tem uma mudança total na sua rotina:

trabalho, envolvimento político-social, educação, sexualidade, saúde e seus sonhos. Ela também necessita sentir-se segura financeiramente e emocionalmente, razões que sustentam o adiamento da maternidade.

Ao observar o elevado índice de mulheres que engravidam tardiamente e/ou renunciam a maternidade, acredito que o estudo desta questão social se torna muito importante, pois identifiquei aspectos psicossociais e emocionais que levam a mulher a pensar em gerar um filho mais tardiamente e em alguns casos, a renunciar a maternidade, ou por falta de tempo ou por causa da idade. Para uma compreensão mais concreta é de suma importância saber: qual é o contexto social que estas mulheres estão inseridas; compreender esta nova maneira de pensar e se ela está diretamente vinculada ao meio social.

Foram entrevistadas mulheres que optaram em engravidar a partir dos 28 anos de idade (período considerado, gravidez tardia pela cultura social local – Chapecó e Região).

E também aquelas que não optaram pela maternidade, centralizando sua vida em seus objetivos pessoais, voltados para realização de outros projetos, desmistificando o conceito tradicional que afirma que todas as mulheres têm instinto maternal.

O trabalho busca responder questões relacionadas a mulher da atualidade, como ocorreram as transformações ao longo dos anos em vários âmbitos sociais e como ela se comporta diante da estrutura social até então utilizada, em contraponto com as novas teorias a elas destinadas. O primeiro capítulo apresenta uma breve introdução do contexto histórico da mulher, fazendo pequenas comparações com a mulher da atualidade. No contexto abordado, foram pontuadas questões relacionadas à maternidade, que no decorrer do trabalho, serão revistas com maiores detalhes. Este capítulo também relata, anseios pessoais, quanto à escolha do tema para a pesquisa de conclusão do curso em questão, qual foi a estrutura escolhida para a pesquisa, coleta de dados, qual grupo estudado e local para o desenvolvimento da pesquisa, relatando neste momento, conceitos relevantes, quanto à população estudada, suas práticas e costumes, com o objetivo de obter posteriormente uma compreensão dos resultados adquiridos na pesquisa.

O segundo capítulo traz o contexto histórico das mulheres com mais detalhes, dialogando com autores importantes que conceituam as estruturas familiares e a posição da mulher dentro deste contexto. Em seguida são abordadas

questões relacionadas aos movimentos feministas, suas motivações e ações para mudar o contexto ao qual estavam inseridas.

No terceiro capítulo ocorre uma breve explanação das mudanças ocorridas do gênero feminino no mercado de trabalho e como que a mulher da atualidade desenvolve suas tarefas no âmbito profissional. Salienta-se também a relação das mulheres e os cuidados com a beleza física, sendo um tema bastante discutido na atualidade. Ao falarmos de mulher, é impossível não abordarmos o tema relacionado ao ato de ser mãe, desta forma o penúltimo subtítulo deste capítulo apresenta traços desta condição, relatando os medos, anseios e projetos de mulheres acima dos 28 anos, onde a maternidade pode ser aceita e desejada ou negada, conforme a vontade de cada uma.

No quarto capítulo busca-se uma análise para responder as questões que motivaram esse trabalho. Com a realização de algumas entrevistas e questionários dos quais parte deles foi encaminhado por e-mail, e parte foi entregue pessoalmente a mulheres, tendo como base anseios pré-estabelecidos a serem alcançados na pesquisa. Neste capítulo são apresentados os principais resultados. Foram pesquisadas 12 mulheres, na sua maioria casadas e sem filhos, muitas delas relataram ter uma rotina bastante apurada, desenvolvendo várias tarefas ao mesmo tempo. Quanto à maternidade, a maioria quer ser mãe após a realização de seus projetos pessoais. Nota-se neste grupo pesquisado fortes discursos de empoderamento, onde mesmo as que querem ter filhos, o terão no momento em que considerarem adequado e confortável para elas, sem se importar com o senso comum, que está presente no contexto social estudado.



## 1.1 METODOLOGIA DA PESQUISA

Este estudo foi realizado a partir de uma pesquisa exploratória por meio da abordagem qualitativa e tem como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, explicitá-lo ou confrontá-lo. Possui um planejamento bem flexível, possibilitando assim apresentar vários pontos de vistas sobre o fato estudado. Na perspectiva de Minayo (2004), tanto a intencionalidade inerente aos atos das pessoas, quanto às reações, está incorporada na pesquisa qualitativa, assim a autora afirma que:

O caráter exploratório desta pesquisa caracteriza-se por trabalhar como universo de significações, motivos, aspirações, atitudes, crenças e valores. Esse conjunto de dados considerados qualitativos corresponde a um espaço mais profundo das relações, não podendo reduzir os processos e os fenômenos à operacionalização de variáveis (MINAYO, 2004, p. 28).

A autora Maria Cecília de Souza Minayo, traz uma abordagem interessante sobre a forma de pesquisa com a qual desenvolvi este projeto, sendo que a sua construção teve como base o método qualitativo, buscando informações coletada pelo pesquisador não expressa em números, ou então os números e as conclusões neles baseadas representam um papel menor na análise, ou seja, essa análise se dá através de entrevistas abertas, observação participante, análise documental, estudos de caso, história de vida, etc. (MINAYO, 2012)

Este tipo de pesquisa faz emergir aspectos subjetivos, uma vez que podem atingir motivações e pensamentos não conscientes ou não explícitos de uma forma mais espontânea. Ainda pode responder às questões particulares em um espaço mais profundo das relações, considerando suas crenças, concepções, valores, significados e práticas individuais.

Outra autora que trabalha com a pesquisa qualitativa é Mirian Goldenberg em seu livro “A arte de pesquisar”, e nele ela expõe que a pesquisa qualitativa também pode ser quantitativa. Mostrou que uma pesquisa qualitativa precisa estar amparada por pelo menos um método de coleta de dados tais como o estudo de caso, o método bibliográfico, a entrevista, o questionário e a observação. Assim afirma que: “A combinação de métodos é conhecida como ‘triangulação’ que é um método emprestado de estratégia militar e da navegação, que se utiliza de múltiplos pontos de referência para localizar a posição exata de um objeto” (GOLDENBERG, 2004,

p.63)

Quando se usa questionários para obter informações, o entrevistador deve criar uma atmosfera amistosa e de confiança, tentar ser o mais neutro possível, esta confiança repassada pelo entrevistador resultará no êxito do seu trabalho. (GOLDENBERG, 2004)

Partindo de conversas informais com um grupo de amigas a qual convivo, notei semelhantes anseios quanto o papel feminino na sociedade atual, e entre os temas mais debatidos estava a questão da maternidade, partindo desta condição surgiram motivações para a realização desta pesquisa, a mesma contou com mulheres na idade entre 28 e 43 anos, de várias classes sociais, que foram mães tardiamente e também apresenta relatos de mulheres que não pretendem assumir a maternidade, deixando de lado o ato de ser mãe.

Apliquei um questionário que foram encaminhados por e-mail e redes sociais para a maioria das participantes, para 3 das 12 abordadas consegui fazer uma entrevista onde, além do que foi relatado por meio da escrita, também consegui visualizar expressões faciais e corporais o que caracteriza e justifica algumas respostas. As questões foram divididas em duas etapas, no início tem um questionário padrão, para coletar informações básicas das participantes, a primeira era direcionada as mulheres acima de 28 anos que ainda não tiveram filhos, a segunda etapa era direcionada a mulheres que optaram em não ter filhos. A partir disso foi realizado uma análise dos dados levantados com base nas referências. As citações de trechos dos questionários estão identificadas no texto apenas pelas iniciais das mulheres, preservando suas identidades.

É apresentada uma abordagem histórica, para compreender a constituição e legitimação desta cultura, onde a mulher ocupa uma posição de gênero (de forma camuflada) inferior à do homem, sendo estigmatizada, quando impõem seus próprios desejos e ações, sendo uma delas o desejo de ser mãe, ou de não ser mãe, em que período se sente preparada para assumir tal responsabilidade, entre várias outras questões que a situam nessa “anomalia maternal” (ALCANTARA et al, 2008).

Com o passar do tempo, observa-se que as mulheres, principalmente as com maior grau de escolaridade, diminuem as taxas de natalidade, casam-se com idades mais avançadas, possuem maior expectativa de vida e podem assumir o comando da família. Obviamente, vale dizer que as aspirações femininas variam conforme seu



nível de esclarecimento, mas também conforme a cultura em que a mulher está inserida.

Apesar das conquistas femininas adquiridas até os dias atuais, existem atos que ainda são impostos às mulheres, de forma implícita ou explicitamente, tais como, a obrigação do cumprimento de papéis, arbitrariamente impostos pela sociedade a elas, a fim de enquadrá-las num padrão de aceitabilidade, definindo comportamentos e modos de se relacionar. Esse processo onde a mulher é estigmatizada é abordado por Goffman (1975) que afirma, que a sociedade institui como as pessoas devem ser, e ainda torna esse dever como normal e natural perante todos que a compõem, sendo assim, a sociedade estabelece os meios de categorizar as pessoas e o total de atributos considerados como comuns e naturais para os membros de cada uma dessas categorias.

Este estudo procura compreender qual é o perfil desse grupo de mulheres de que buscam sua independência em todos os campos sociais, políticos e econômicos, libertando-se do contexto histórico que as coloca, como inferior ao homem, buscando despertar assim, um pensamento coletivo contrário ao machismo, que muitas vezes é sustentado e fomentado pelas próprias mulheres. As questões culturais adotadas em nossa sociedade, são frutos de toda uma construção baseada no sistema patriarcal com traços profundos das religiões, nele o homem na sua totalidade é superior a mulher, esse contexto construído socialmente foi naturalizado de tal forma, que parte das mulheres inconscientemente, aceitam sua posição de inferioridade, muitas por ignorância ou até mesmo por conveniência, achando mais cômodo, manter tal sistema. Porém estão surgindo novas teorias, que tem o objetivo de alertar o gênero feminino quanto a estas questões e as conscientizarem sobre suas potencialidades, diante as estruturas sociais a qual estão inseridas. Em meio a tantas mudanças a mulher também se depara com questões relacionadas ao ato de se tornar mãe, neste âmbito ela precisa optar ou não pela maternidade, tendo em mente toda a transformação que ocorrerá de forma geral em sua vida.

Por meio de uma análise qualitativa, busca-se apresentar uma proposta que ultrapasse a abordagem tradicional e estigmatizada, onde a “nova” mulher possui novas alternativas para realizar seus projetos e definir sua vida, conforme lhe agrada, sem limitar-se a coerção social e aos estigmas que outrora eram relevantes.



## 2 O PAPEL SOCIAL DA MULHER

### 2.1 FAMÍLIAS/MULHERES NOS TEMPOS ANTIGOS

Durante o processo evolutivo que se dá com o passar dos anos, busca-se teorias e conceitos que expliquem a origem e estruturação do grupo familiar. Os primeiros relatos sobre a estrutura familiar organizavam-se através do sistema matriarcal, onde todas as decisões partiam das mulheres, entre elas o cuidado contínuo com sua prole. Neste contexto o homem era responsável apenas pela plantação, era um ser anônimo, que devia se submeter as ordens femininas, sendo isto uma prática habitual, interiorizada por toda a sociedade, esta estrutura familiar se deu cerca de trinta mil anos atrás. Outro traço característico dessa família condiz com o matriarcalismo, uma vez que a mulher era a responsável pelos encargos da família, afigurando-se como a grande força dentro dos clãs (ENGELS, 1984).

Em seguida o sistema patriarcal assume as relações familiares, esta estrutura familiar é comandada pelo homem estendendo-se a sua linhagem, este formato familiar surgiu após a proibição de relacionamentos sexuais entre familiares, principalmente de primeiro grau, assim, membros passaram a se unir com indivíduos de grupos diferentes, resultando no modelo familiar tradicional. O patriarcalismo delimitou as obrigações oriundas do desenvolvimento da agricultura e legitimou o poder dos homens sobre as mulheres e crianças. Alguns autores ressaltam esta posição social, onde as mulheres eram consideradas como uma coisa, uma propriedade e não uma pessoa, acreditava-se que eram dotadas de pouca inteligência, ou mesmo irracionais. Rousseau apud Auad (2003) salienta:

(...) a mulher só deveria cultivar a razão se essa faculdade pudesse garantir que ela cumprisse seus deveres considerados "naturais", ou seja, obedecer a ser fiel ao marido e cuidar dos filhos. Para esse importante filósofo, a mulher era incapaz de raciocinar como os homens. O raciocínio voltado para as abstrações e teorias simplesmente não cabia as mulheres. Às mulheres dizia respeito preocupar-se em satisfazer os homens figuras centrais nas secundárias vidas femininas (p. 40-41).

Ainda tomando o patriarcado como uma relação de dominação, Pateman (1993), afirma que:

Abandonar o conceito de patriarcado representaria a perda, pela teoria

política feminista, do único conceito que se refere especificamente à sujeição da mulher, e que singulariza a forma de direito político que todos os homens exercem pelo fato de serem homens. Se o problema não for nomeado, o patriarcado poderá muito bem ser habilmente jogado na obscuridade, por debaixo das categorias convencionais na análise política (p. 39).

A autora Priore (2006) caracteriza estruturas familiares no Brasil, onde:

Por exemplo, se a denominação da "família patriarcal" serviu de base para a historiografia brasileira caracterizá-la como sinônimo de família extensa, devido aos estudos de Gilberto Freyre e Oliveira Vianna" pesquisas mais recentes têm evidenciado que estas não foram as predominantes, mas, sim, aquelas com estruturas mais simplificadas e menor número de integrantes: famílias pequenas, famílias de solteiros e viúvos, famílias de mães e filhos sem pais, famílias de escravos. Ou seja, também no passado a noção de família se alterava conforme os grupos sociais e as regiões do país. Os escravos forros viviam de um jeito; o poderoso da elite senhorial, de outro. O que não variava era o hábito, muito comum, de integrarem amigos e parentes a família (PRIORE, 2006, p. 33).

O termo família, segundo Engels, teve sua origem do vocábulo latino *famulus* – que significa escravo doméstico, ou seja, no princípio o termo designava um conjunto de escravos ou servos de uma mesma pessoa. (BILAC, 2005).

Ao tomar conhecimento do significado atribuído a este termo, conseguimos compreender a natureza possessiva das relações familiares, onde a mulher obedecia ao seu companheiro como se fosse seu dono. O sentimento de posse está diretamente relacionada à origem e evolução do grupo familiar. Enquanto instituição, ela se apresenta historicamente como um conjunto de normas e regras que vinculam seres humanos através de relações sanguíneas, aliança e relações advindas de laços parentais. As condições de vínculo são determinadas pelos costumes e através da legislação apresentada no Código Civil (MALUF, 2010).

A família segundo Alves (2014), está sofrendo uma evolução histórica através da construção social. Estamos vivendo em uma época em que a sociedade e a família estão se distanciando da estrutura patriarcal, e assim, automaticamente do conservadorismo, quebrando tabus, resistências nas mudanças sociais, culturais e políticas.

O Censo Brasileiro IBGE define a família como sendo: "Conjunto de pessoas ligadas por laços de parentesco ou dependência doméstica, que vivem no mesmo domicílio, ou pessoa que vive só em domicílio particular". É também considerada família todo o "conjunto de, no máximo, 5 pessoas vivendo em domicílio particular,

sem estarem ligadas por laços de parentesco ou de dependência doméstica” (Fundação IBGE, 1980, p. XXV).

Dizer que família é a unidade básica da interação social talvez seja a forma mais genérica e sintética de a definir, porém são muitas as conjunturas formuladas sobre a família. Algumas se caracterizam pelas funções biológicas, outras, pelas funções psicossociais, apontando as relações sanguíneas, tais como pai e mãe como estruturadores do grupo familiar.

### 2.1.1 ESTRUTURA FAMILIAR

As primeiras famílias brasileiras se formaram em um contexto social bastante conturbado, este primeiro momento foi projetado a partir da estrutura familiar patriarcal, esta foi tomada como 'civilizadora', ao impor sua ordem e sua solidariedade a uma organização social. Este modelo marcou a sociedade brasileira e fidelizou o modelo estrutural familiar naquele momento histórico, com resquícios no modelo atual (MOURA, 2008).

O patriarcalismo é retratado onde a figura central da estrutura familiar é o pai, que é simultaneamente chefe do clã (dos parentes com laços de sangue) e administrador de toda a extensão econômica e de toda influência social que a família exerce.

Freyre (2006) relata as relações íntimas entre portugueses, índios e escravos em meados do século XV, afirmando:

(...) Ação persistente desse sadismo, de conquistador sobre conquistado, de senhor sobre escravo, parece-nos o fato ligado naturalmente à circunstância econômica da nossa formação patriarcal, da mulher ser tantas vezes no Brasil vítima inerme do domínio ou do abuso do homem. Criatura reprimida sexual e socialmente dentro da sombra do pai ou do marido (...) a nossa tradição revolucionária, liberal, demagógica, é antes aparente e limitada a focos de fácil profilaxia política: no íntimo, o que o grosso do que se pode chamar “povo brasileiro” ainda goza é a pressão sobre ele de um governo másculo e corajosamente autocrático (FREYRE, p.114-115).

A formação patriarcal, legitimou e naturalizou a dominação de homens, que mesmo ao longo dos anos, desenvolve um poder persuasivo intenso sobre os valores morais das mulheres, delimitando suas ações e padronizando suas atitudes



no meio social onde estão inseridas, neste momento histórico as mulheres eram educadas para o casamento, cuidado com os filhos e administração do lar, estavam destinadas à reclusão em suas casas e toleravam as relações de seu marido com escravas.

As famílias pré-modernas eram extensas, e coabitavam no mesmo espaço várias gerações, lá existia a presença dos pais, filhos, avôs, tios e toda uma linhagem, em torno de uma unidade de trabalho. Em relação ao poder e gênero este é um modelo estritamente patriarcal, o pai tem poder absoluto e a mãe representa a figura de uma reprodutora, ela tem dentro da família e da ordem social uma posição desprivilegiada, desqualificada e totalmente submissa ao poder vertical estabelecido pelo sujeito do gênero masculino. Esta naturalização do poder centrado na figura masculina é consequência de toda uma estrutura social, constituída em setores políticos e religiosos, lideradas por homens, resultando assim na soberania inquestionável do gênero masculino (FREYRE, 2006).

Essa desvalorização do ser mulher é explicada pelo historiador Laqueur (2001), em seus relatos apresenta a teoria do sexo único, onde o sexo masculino é superior ao feminino e dentro dessa ordem do mundo, a mulher poderia se transformar em um homem, mas em hipótese alguma um homem poderia se transformar em uma mulher. Para o autor o homem na sua concepção morfológica, desenvolveu o órgão genital externo o que o levava a ser superior a mulher, que por sua vez, tem seu órgão genital interno, semelhante a uma caverna, obscura e camuflada o que a legitima ao gênero considerado inferior. Esta teoria rotulou a concepção das relações entre os gêneros.

De acordo com Freyre (2006) o funcionalismo apresenta a sociedade como um conjunto de instituições sociais, onde cada uma desenvolve o seu papel no meio em que está inserido, resultando assim no equilíbrio consensual da sociedade. Dentro deste contexto a família desempenha importante tarefa que contribui para a ordem e progresso social. No contexto atual, os funcionalistas afirmam que a família é importante para a socialização primária, onde a família é responsável por repassar as normas culturais da sociedade aos que nasceram, desenvolvendo a personalidade humana. Também contribuem na estabilização da personalidade, este fato é crucial para as manterem saudáveis.

A estrutura familiar atual reorganizou as competências de cada indivíduo dentro do contexto do lar, neste, a mulher não exerce somente as funções

estritamente direcionadas ao cuidado com a casa e os filhos, ela também tem o papel de provedora e o homem por sua vez, também desempenha ambos os papéis, auxiliando nas atividades domésticas e desenvolvendo trabalhos externos, ajudando assim a suprir as necessidades da família. Este novo modelo estrutural é considerado pelos funcionalistas, inadequado e ultrapassado, porém essa visão sofre críticas por negligenciar, este novo modelo social, composto por instituições sociais que servem de apoio às famílias, entre elas estão as escolas, que desempenham importante papel na socialização infantil, contribuindo para a educação e estabilização dos costumes e valores atribuídos em cada meio social.

A estrutura sociológica familiar também pode ser vista através das perspectivas e abordagens feministas, estas surgiram em consequência de uma insatisfação por parte das mulheres, diante do modelo familiar tradicional, onde muitas não se sentiam completas ao exercerem tais funções, gerando uma profunda desigualdade que resultava em um sentimento de solidão e exploração contínua (FREYRE, 2006).

Esta linha de pensamento direcionou as atenções na estrutura familiar, visando as funções da mulher dentro de uma unidade cooperativa, que teria de ser baseada em interesses comuns e apoio mútuo, onde os membros deste grupo tendem a ter os mesmos benefícios (BILAC, 2003).

Para as feministas, apesar das transformações e vários direitos adquiridos, ainda existem problemas de grande relevância, tais como a distribuição de tarefas no núcleo familiar. Estudos realizados por sociólogas feministas comprovam que as mulheres têm a principal responsabilidade pelos afazeres domésticos, e tem menos tempo de lazer em comparação aos homens (AUAD, 2003).

Outra abordagem que a autora Auad (2003) cita, é referente as desigualdades de poder, existentes dentro das famílias, onde ocorrem um certo empoderamento por parte do homem, que impõem seus desejos, apontando os mesmos como soberanos, a mulher diante deste enfraquecimento, se submete a violência de todos os tipos (físicas, mentais, sentimentais, etc).

Tais situações instigam ações de prevenção e tratamento para pessoas que convivem nesta situação, este é outro tema abordado pelas feministas, elas buscam atendimento qualificado, tanto psicológico quanto físico, para estes grupos de mulheres que vivem tal realidade.



### **3 FAMÍLIAS/MULHERES NO TEMPO MODERNO**

As conquistas femininas, tais como, votar, frequentar universidade, participar do mercado de trabalho ou até mesmo decidirem pela concepção de filhos, foram sendo adquiridas ao longo dos séculos.

A partir do ano de 1930 as reivindicações femininas começaram a ser atingidas e com a explosão da Segunda Guerra Mundial em 1940, as mulheres ganharam papel de destaque e de grande importância social. Neste momento muitos homens foram destinados para as frentes de batalha, desta forma as mulheres assumiram a chefia de seus lares, mudando drasticamente o seu papel social, pois neste novo contexto eram obrigadas a participarem efetivamente no mercado de trabalho, suprindo assim a necessidade de suas famílias.

De lá para cá, as mulheres não conseguiram mais exercer somente o papel de donas de casa, intensificando suas vidas cada dia mais. Segundo Coelho (2002), a inclusão da mulher no mercado de trabalho e sua luta por direitos iguais aos dos homens, aconteceu primeiramente dentro do seio familiar. Com isso, a mulher conseguiu obter ganhos como a realização de estar inserida no mercado de trabalho obtendo sua individualidade e seu espaço.

Esta nova mulher possui muitas preocupações, além de manter a estrutura familiar (que ainda na maioria das vezes, está sobre sua responsabilidade) ela precisa cuidar do âmbito profissional, ter o corpo ideal, conservar-se sempre jovem, ser ativa e ardente nas suas relações sexuais e realizar todas estas tarefas com bom humor e alegria. Estas exaustivas tarefas desenvolvidas diariamente pelas mulheres, exige uma elasticidade, nunca antes praticada, resultando em algumas decepções pelo não cumprimento do que lhe é proposto (FERNANDES, 2005).

#### **3.1 MULHER E O MERCADO DE TRABALHO**

A partir dos anos 70 as mulheres conseguiram romper as barreiras da tradicional mulher caseira, a mulher considerada ideal pela sociedade, aquela que se dedicava em tempo integral à limpeza e manutenção da casa, bem como cuidado com os filhos e marido. As que eram mais radicais trabalhavam meio período, deixando o restante do dia para os afazeres domésticos e cuidados com os filhos, mantendo assim o seu papel de mulher aceitável pela sociedade.

No novo século, o gênero feminino está repleto de interesses diretamente relacionados à satisfação pessoal, ou seja, elas estão se olhando mais, e investindo mais em suas carreiras profissionais. Hoje este modelo de mulher “bela, recatada e do lar” está se extinguindo da sociedade, a nova mulher se encontra rodeada de responsabilidades e sempre está apta a busca de novos desafios.

Diante desta realidade, e em uma sociedade industrializada e moderna, a mulher obtém papel de destaque em variadas profissões, elas desenvolvem diferentes tarefas, inclusive algumas que em outros momentos históricos eram direcionadas somente ao gênero masculino.

Apesar da mulher ser atuante no mercado de trabalho, ela ainda recebe retaliações diretamente ligadas à questão de gênero. Sua emancipação não significa igualdade de papéis, elas sofrem elevado grau de discriminação, tanto na desigualdade salarial, quanto no que tange a qualidade das ocupações direcionadas a elas, no seu âmbito profissional. Esta dicotomia é relatada pelo autor Souza-Lobo que afirma:

A divisão sexual do trabalho é também uma construção social e histórica. Se é certo que o capitalismo utiliza uma estratégia de “dividir para reinar”, a configuração dessas divisões é construída socialmente através das relações de classe, de raça, de gênero e das práticas sociais. O capitalismo na América Latina não criou a subordinação das mulheres, mas certamente as relações de produção e reprodução social são aqui também sexuadas e assimétricas, marcadas por uma hierarquia que subordina as mulheres e seus trabalhos (1991, p. 170).

Ao desenvolverem trabalhos diversos dentro das empresas, as mulheres são submetidas a fazer trabalhos extras, considerados como obrigação exclusiva feminina, geralmente elas ficam encarregadas de desempenhar suas funções, e caso precise de alguém para limpar uma eventual sujeira, ou preparar algum alimento ou bebida, elas pelo poder persuasivo a qual foram submetidas ao longo de suas vidas, já se propõe a fazê-lo, e se sentem empossadas por tal função, sem nem ao menos expressar certo estranhamento, pois conforme o seu *habitus* cultural, aquilo já é sua obrigação.

Outro fator relevante que gera mudanças e novos objetivos, é a chegada dos filhos, este novo fator desenvolve motivações e prioridades pessoais, este por sua vez, desencadeia a necessidade de manter-se profissionalmente ativa, para ter a possibilidade de oferecer a sua prole, mais conforto e qualidade de vida. Este

momento também é marcado pelo sentimento de culpa, pois está suprimindo as necessidades financeiras, porém não consegue se doar totalmente aos cuidados diários com o seu filho.

Esse novo modelo familiar composto da mulher e sua prole, sem a existência constante de uma figura paterna é relatado por Hasembalg (1992) como famílias monoparentais. Estas famílias chefiadas por mulheres são cada vez mais comuns em nossa sociedade, a ausência dos pais leva a uma limitação de tempo e disponibilidade para interagir, acompanhar e monitorar os filhos em suas atividades diárias. Catrib e Silva (2014) ressaltam que este novo formato familiar resulta em jovens e adolescentes que recebem menos encorajamento e atenção, resultando na diminuição do capital social familiar e defasagem nas condições de socialização.

Sobre os anseios femininos, diante das múltiplas tarefas impostas as mulheres modernas Castro (2006) ressalta:

A sociedade nos obrigou a ir para o mercado de trabalho em busca de carreira, de dinheiro, posição. Não discutimos, fomos! Agora, constatamos o prejuízo, dizemos aos quatro ventos que nossos filhos cresceram tão rápido que mal pudemos ver. Não vimos porque não houve tempo para ver. Quanto ao tempo, ele não passa mais rápido hoje do que há um ou dois séculos, passa exatamente na mesma velocidade (p. 119).

As atribuições delegadas as mulheres modernas, trouxeram grande estresse. Para aquelas que desejam ser mães, a carga é redobrada e a satisfação profissional na sua totalidade é dificilmente conquistada.

### **3.2 MULHER E A BELEZA FÍSICA**

Percebe-se no dia-a-dia que a beleza foi padronizada, existe um mercado para garantir a sua permanência. A mídia também tem um papel fundamental na fixação desta questão.

Os meios de comunicação têm difundido, como em nenhuma outra época, um padrão de beleza inatingível para a maioria dos indivíduos. A beleza sustentável é uma forma atípica de conceituar o que é belo. Este padrão que é imposto, camufla o verdadeiro significado do “ser belo”, ao ignorá-lo as pessoas conseguem se aceitar melhor, conhecer as características do próprio corpo, ter identidade e personalidade, assim, sentem se motivadas a buscar continuamente a saúde e o bem-estar. Com a



valorização da imagem, ocorreu a expansão da beleza estética em muitas áreas da vida humana, esta transição comportamental dos seres humanos acabou afetando drasticamente a saúde emocional e as relações sociais.

A sociedade da indústria cultural impõe um padrão de beleza nos indivíduos sendo ele um conjunto único e imutável de características físicas aceitáveis socialmente, ainda que na verdade ele mude, gerando assim um novo conjunto único e imutável, e este ciclo se perpetua constantemente, sempre com base em uma cultura padrão. Como afirma Felix (2003):

Esse novo padrão valorativo, que está discriminando seu comportamento, pode ser pautado nos mais diferentes tipos de modelos: líderes diversos, atletas, músicos, artistas, e até mesmo nas mais diferentes ideologias e ideias, o que mais importa neste caso é entendermos que esses ídolos são, em sua maioria, produtos culturais, em muitos casos criados pela mídia, e desse modo, não são espontâneos e se reportam as práticas de comportamentos similares e as expressões de lazer ditadas pelo mercado de consumo. A mídia, em geral, sobre tudo a televisiva, legitima essas ações contribuindo para sua permanência e fortalecimento. (FELIX, 2003, p. 27)

A mulher sofreu várias transformações sobre a percepção do seu corpo ao longo da história, além da mídia, os aspectos culturais, econômicos, sociopolíticos e históricos, moldaram a estrutura de uma mulher, considerada ideal para a sociedade.

Vários autores revisados, entre eles Alves e Pitanguy (1991) destacam que até meados do século XIX as mulheres, eram doutrinadas para viverem em constante obediência, iniciando com os pais e tendo sequência com os maridos. Por conta das constantes lutas e reivindicações, elas conquistaram seu espaço diante da sociedade, estabelecendo novos padrões de vida. Junto com as transformações sociais, ocorre a forma de como o corpo feminino é visto no contexto em que está inserido, ou seja, cada sociedade tem o seu modelo de corpo, e cada época tem uma forma de representa-lo.

Ao falarmos de beleza, não podemos deixar de citar a Grécia antiga, pois os padrões de beleza que consideramos primordiais e nossa cultura, apresenta muitos resquícios advindos dos gregos. Na Grécia valorizava-se a beleza e as medidas proporcionais, que eram considerados modelos de beleza ideal. Já na Idade Média, as mulheres magras com cintura fina, eram consideradas doentes, o modelo de beleza na época era focado nas mais gordinhas e robustas. Apenas as mulheres ricas eram gordas, por que tinham uma boa condição financeira, estas eram apontadas como as mais saudáveis, férteis e bonitas. As estátuas antigas retratam

mulheres seminuas mais gordinhas, legitimando assim o padrão de beleza da época (OLIVIER, 1999).

No Brasil, atualmente a hipervalorização da magreza é apontada como fator principal na representação do ser belo, a necessidade que o indivíduo tem em ser aceito no meio em que vive, o obriga a fazer absurdos. Este modelo ideal de beleza feminino é transmitido principalmente pela mídia, onde a população se espelha em artistas famosos, que desfilam seus corpos magros, cabelos brilhosos, peles sem imperfeições e infinitas qualidades que delimitam o padrão ideal a ser seguido por todos. A partir do século XX o corpo passou a ser um produto comercializado e desejo de consumo das mais variadas camadas sociais (MALUF, 2010).

Esta necessidade de ser sempre bela e jovem, enriquece as indústrias e todo o comércio voltado a beleza, mulheres buscam incessantemente a aceitação social, se submetendo a tratamentos estéticos cada vez mais onerosos, sem perceber a real intenção de lucro, que resulta de todo o processo de marketing para convencimento da aquisição de tais produtos.

Diante da busca deste modelo tão valorizado e buscando a realização pessoal, Fernandes (2005) ressalta que:

Engajada na busca da beleza magra, do corpo fino e rígido, lança-se a mulher pós-moderna na corrida insana para não perder o bonde do seu tempo. Escrava da amplitude e diversidade dos ideais, dos quais precisa ao menos conseguir se aproximar, esta mulher, vitimada pelo excesso e pelo cansaço diante de suas incríveis atribuições, vive culpada frente a constatação da impossibilidade de ser tudo isso que se exige dela (p. 05).

Esta supervalorização da beleza e aparência jovem, é mais uma das tarefas que a mulher moderna assumiu, diante de tantas atividades e prioridades, não podemos deixar de lado o que antigamente era relatado como primordial e obrigatório, o ato de ser mãe. Este momento é esperado por muitas mulheres, porém o poder de escolha as vezes a direciona para outras prioridades, sendo assim, uma grande parcela de mulheres atualmente opta por não ter filhos, focando na realização de seus projetos pessoais, que em alguns casos é a manutenção do corpo perfeito e aparência jovem.

### **3.3 A MULHER E O ATO DE TORNAR MÃE**



Como a mulher moderna desenvolve várias tarefas em um curto espaço de tempo, não é difícil encontrar vídeos, livros, e todo tipo de material de apoio, que fornece uma espécie de manual da mulher/mãe perfeita. Ela deve ter controle de toda sua estrutura, ou seja, deve cuidar do físico, do intelectual, dos sentimentos e não esquecer de alcançar os seus objetivos pessoais.

A maternidade traz consigo muitas mudanças, e transforma toda a rotina da mulher e também das pessoas do seu convívio, entre essas mudanças está a manutenção das suas atividades profissionais, exercidas anteriormente.

Além disso, existe um contingente de mulheres, que não tem opção de ficar com seus filhos por muito tempo após o nascimento, elas têm que trabalhar e não possuem dinheiro para pagar uma creche, desta forma acabam se sujeitando aos órgãos públicos, o que ocorre há uma outra problemática. Nem sempre ela consegue vagas em creches/escolas, e quando ela consegue, nem sempre é para o período integral, porém esta mesma mulher, tem que desempenhar suas atividades profissionais em tempo integral, muitas vezes mora longe do trabalho, precisando dispor de mais um tempo para seu deslocamento. Na ausência de creches em período integral, muitas têm que se submeter a uma vida com algumas restrições para ficar com seus filhos em casa.

Outro aspecto relevante da mulher com o mercado de trabalho é que, um dos questionamentos que o empregador faz ao entrevistar uma mulher, é perguntar se ela tem filhos, se a resposta for afirmativa, ele já questiona se existe alguém que os cuida e como ela irá proceder caso seu filho fique doente, esses questionamentos legitimam a discriminação para com o gênero feminino no mercado de trabalho, em contraponto, quando os maridos recebem o mesmo questionamento, e o respondem de forma afirmativa o retorno do empregador é totalmente diferente, pois este compreende que estes homens ampliaram sua responsabilidade de suprir as necessidades familiares e por esse motivo, serão empregados presentes e eficientes a fim de manter o seu emprego. Este questionamento deixa claro a distinção entre homens e mulheres contratação para o mercado de trabalho.

Na atualidade existe um grupo de mulheres que são mães solteiras, que não possuem algum tipo de relacionamento estável, e algumas realizam primeiramente seus projetos pessoais deixando a vinda do filho para um segundo plano. Assim, também, mulheres homoafetivas casadas, com o objetivo de se tornarem mães, optam para inseminação artificial e/ou adoção. Este novo modelo de estrutura

familiar está assegurado por leis, que garantem a sua existência e bem-estar social. Há uma parte da população que segue o modelo tradicional por questão de valores e cultura e existem pessoas que não seguem nenhum destes modelos, optando pela família monoparental.

### **3.4 MULHERES E EMPODERAMENTO**

Atualmente o empoderamento feminino tem sido amplamente debatido, difundido e apresentado no meio científico, por ser um tema polêmico, tal problemática se expandiu no contexto social, fazendo parte de debates tanto acadêmicos, como em rodas de conversar informais, onde são expostas opiniões no senso comum.

Ao relatarmos tão relevante assunto, podemos citar o autor Foucault (1975) ao apresentar o conceito sobre o adestramento dos corpos, neste contexto o autor apresenta a importância da disciplina, que só pode ser adquirida através de técnicas que induzam a efeitos de poder e coerção, tornando visível aqueles sobre quem se aplica. Para melhores resultados, o poder disciplinador deve ser contínuo e funcional, desta forma o indivíduo absorve tais conhecimentos a ponto de naturalizá-los. Este contexto teórico, representa o modelo cultural atual ao qual as mulheres são submetidas, onde de forma camuflada, muitas reproduzem regras mencionadas pelo senso comum e naturalizadas ao longo dos anos como corretas, essa transição de conhecimentos dentro de um contexto social, demonstra a ação do poder disciplinar e o adestramento dos corpos.

Nos escritos do autor Gilberto Freyre encontra-se relatos importantes sobre a formação cultural da nossa sociedade, com base nos dados coletados pelo autor apresentado anteriormente, podemos perceber que a nossa cultura está embasada em um contexto patriarcal, marcado pela dominação masculina sobre a feminina. Dentro daquele contexto, as mulheres eram meros objetos a serem manuseados pelos homens, elas não tinham assegurados seus direitos e nem lutavam para isso, pois naquele momento histórico, as condições a qual viviam as limitava até de pensar e negar a sua realidade, assim sendo seguiam suas vidas conforme as vontades masculinas. Com o passar dos tempos, as mulheres foram assumindo novos papéis, até então desempenhados por homens, e dentro desta nova



realidade, sentiram-se inquietas com suas condições dentro da estrutura social, assim sendo, foram conquistando seus direitos de forma progressiva, esta luta prossegue até os dias atuais.

Outra autora que traz assuntos essenciais para discussão deste tema é Judith Butler (2016), filósofa judia norte americana, se depara no final dos anos 80 com movimentos feministas que discutem o limite da categoria mulher, assim começa a pensar dentro do registro deste problema. Ela questiona o porquê desta categoria ser insuficiente para as bandeiras feministas daquele momento histórico, por que daquele esgotamento, onde não era possível falar em nome de uma mulher universal. Neste momento surgiu a ideia de pensar o feminismo para além do sujeito mulher. A princípio esta ideia parece ameaçadora ao movimento feminista, só tempos depois percebe-se que esta pergunta permite uma renovação ao contexto, no sentido da abertura a outras questões. Assim, Butler (2016) levanta essa problemática sobre a questões de gênero, em suas teorias ela traz à tona questões referentes ao bem-estar do indivíduo no quesito de ser aceito socialmente da forma que ele é, muitas vezes o indivíduo não se enquadra nos padrões do senso comum, e por esse motivo é estigmatizado. Dentro deste conceito, podemos enquadrar o estigma social sofrido pelas mulheres, ao se apoderarem de atitudes até então não pertencentes a elas, uma delas que é abordada neste trabalho o fato de uma parte das mulheres não optarem mais pela maternidade e/ou terem filhos após a realização de seus projetos pessoais, tema que será tratado a seguir.

### **3.5 MULHERES NO CONTEXTO CHAPECOENSE**

Com base em uma cultura advinda de descendentes de alemães e italianos, Chapecó trás em suas raízes traços de uma cultura patriarcal, que inibiu casamentos interétnicos, preservando costumes, línguas, sotaques e de certa forma conceitos, baseados em pensamentos conservadores, que são repassados das populações mais velhas aos mais novos. Desta forma não podemos definir uma única identidade regional em meio a estas diversidades culturais.

A constituição da cidade de Chapecó se deu mediante muitos conflitos territoriais que ocorreram até o final da década de 40, a partir deste momento, a cidade começa a se moldar para constituir sua estrutura social. O município se desenvolveu rapidamente, houve expansão social, econômica e política, que

resultou no crescimento populacional. Este novo espaço territorial que estava sendo construído devia apresentar aspectos positivos para que o desenvolvimento perpetuasse, e para manter a moral e os bons costumes, a igreja, que neste período histórico tinha grande poder sobre os indivíduos, desenvolveu papel fundamental na apropriação de tal valor, que foi proposto aos moradores de Chapecó. Um dos principais mecanismos adotados pela igreja, para manter o controle social, foi o incentivo ao casamento (PAIM, 2006).

O papel de destaque no meio social era unicamente masculino, as mulheres por sua vez, estavam em suas casas, desenvolvendo tarefas domésticas, cuidando dos filhos e ocupando o lugar até então naturalizado por elas, de apresentar-se diante da sociedade como boas moças, prendadas e apoiadoras dos seus esposos.

Segundo Parisoto (2013) para manter tais valores, é fundado o colégio das Irmãs Franciscanas Missionárias de Maria Auxiliadoras, que é o atual Colégio Bom Pastor. Este local tinha por objetivo, doutrinar as meninas ao papel que elas deveriam exercer na sociedade e evitando que tivessem contato com as más influências. Esse contexto de conservadorismo mantém-se na era Getúlio Vargas com o discurso proposto aos cidadãos, firmando essa ideia de que para construir a pátria amada por todos, era necessário a manutenção da estrutura familiar. Os jornais Chapecoense legitimam a importância da mulher no lar desenvolvendo aquele e tão somente aquele trabalho imposto a ela.

[...] A educação moral da criança, no aconchego do lar, esta afeta muito mais de perto a mulher, porque ela é o elemento constitutivo da família, já pelas suas carícias, pelo seu exemplo. Virtudes e dever maternal, verificando-se que toda a vez que a mulher-mãe abandona as normas dignificadoras, torna-se corrupta, provedora de mau exemplos, a destruição do lar é a consequência lastimável". Os bons exemplos, os conselhos diários, a honradez, os sentimentos nobres, o respeito a Deus, o amor filial da concepção do belo, ao agradável, a religião de esperança enfim, são complementos da moral, entregues ao coração materno para que transmita aos filhos, a fim de que vão amanhã em busca de uma educação intelectual nas escolas, sob os cuidados do Estado. O desleixo de uma e outra educação – moral e intelectual é imperdoável. (A Voz de Chapecó, 1939, p. 12).

Tal discurso exposto no jornal local, retrata os deveres fundamentais e insubstituíveis da mulher chapecoense, além destes conselhos de como ser uma "boa mulher", a mídia dava dicas de como preparar os alimentos, limpar utensílios e várias ideias para que as mulheres se tornassem excelentes cuidadoras do lar. Este contexto mais conservador acontece com maior intensidade até a década de 1960,



deste período até os dias atuais, ocorreram muitas mudanças com o gênero feminino. O retrato da mulher chapecoense atual é de uma mulher independente, focada nos seus objetivos, inteligente e envolvida no meio social, mas esta mulher, ainda carrega consigo resquícios desta doutrinação que foi repassada das gerações anteriores.

#### **4. EMPODERAMENTO FEMININO E MATERNIDADE**

Este capítulo compreende na descrição do processo de pesquisa e análise dos dados, tendo como base entrevistas realizadas através de formulários preenchidos e também através de entrevistas que foram realizadas no âmbito presencial, nas quais tive a oportunidade de presenciar comportamentos dos mais diversos, pois minha pesquisa se estende a mulheres que optaram pela gravidez a partir dos 28 anos, bem como aquelas que optaram por não serem mães.

A seleção das entrevistadas se deu com base na faixa etária de cada uma, estas foram selecionadas uma a uma, com base em um breve contexto histórico que obtive de cada uma por se tratar de pessoas do meu convívio. Conforme fui realizando minha pesquisa, localizei muitas outras mulheres que dispunham da mesma situação, algumas se ofereceram para preencher os formulários e a maioria, quando me entregava o mesmo, sempre argumentava sobre os questionamentos, dando assim ricas e importantes informações que agregaram no conteúdo desta pesquisa.

O fato desta pesquisa estar diretamente relacionada a meus conceitos pessoais, tais como o que instiga a necessidade das mulheres deste meio social, casar e em seguida serem mães. Isto obrigou-me a criar formas de distanciamento entre os meus conceitos pessoais, e as concepções de cada mulher detalhada em seus escritos ou de forma verbal.

Ao pesquisar tal tema, busquei me cercar do máximo de informações e conteúdos relacionados a pesquisa, tanto em artigos científicos, como em reportagem de revistas, jornais, abordagens televisivas e também estatísticas embasadas nas transformações sociais modernas.

A compreensão dos resultados obtidos se deu de forma gradativa, este trajeto ocorreu de forma árdua, com muitos contratempos e em alguns momentos de forma exaustiva, pois o tema ao qual me debrucei, está relacionada diretamente a

mulheres que estão em constante movimento, mulheres que desenvolvem diversas atividades em um curto espaço de tempo, mulheres que optaram por construir seu futuro, com pouca ou nenhuma intervenção de terceiro. Assim, muitas entrevistas foram realizadas através de formulários encaminhados via e-mail, redes sociais, alguns entregues em mãos, porém sem muita troca de informações verbais. Nos relatos apresentados pelas entrevistadas, observa-se as motivações que levaram as mulheres neste novo contexto de empoderamento feminino, onde elas passam a poder escolher isso que optamos denominar *não-maternidade*, ou a se programar para que isso aconteça em um tempo estipulado por elas mesmas. Nas entrevistas foram analisados quais são os fatores que condicionaram essa decisão, esse posicionamento, ou seja, uma justificativa pelo ato de não ter filhos ou adiar a sua concepção para um momento considerado por elas mais adequado. Um primeiro aspecto que observamos socialmente, e mais enfaticamente nesta pesquisa, é que nenhuma mulher consegue fazer a negação a maternidade sem ter que se justificar, em contraponto o homem não precisa falar os motivos pelos quais não sente o desejo de se tornar pai. Este contraponto apresentado relata um problema social, onde o ato de se tornar mãe é naturalizado de tal forma, que a sua negação gera espanto, quando é exposta a outros indivíduos.

Diante desta realidade, podemos perceber em nosso cotidiano a construção social do papel do homem e da mulher, citando como exemplo os brinquedos direcionados para cada gênero, sendo carrinhos para meninos, demonstrando assim a eles o seu papel social com o condutor, como indivíduo que terá a maior parte das suas tarefas fora do âmbito familiar e bonecas para meninas, que a incentiva aos cuidados com crianças, naturalizando desde muito cedo a sua condição de mulher e futuramente mãe, sendo ela responsável pelo ambiente familiar, naturalizando sua condição de dona de casa.

As entrevistas foram realizadas com mulheres a partir dos 28 anos, residentes no meio urbano, estas foram selecionadas por se enquadrarem nos parâmetros pontuados nesta pesquisa, as mesmas de forma muito prestativa concederam informações pessoais agregando informações importantes para compreendermos o mundo feminino moderno. A faixa etária entre as 12 entrevistadas abordadas, é de 6 com idades de 29 a 31 anos, 3 com idades de 32 a 35 anos e de 3 que possuem mais de 36 anos, a abordagem das mesmas foi de forma cuidadosa para evitar constrangimentos. Todas as mulheres entrevistadas possuem o segundo grau



completo, destas 3 com ensino superior incompleto, 4 com ensino superior completo e 1 pós-graduada.

A grande maioria delas tem união estável, sendo 8 casadas e 4 solteiras, das entrevistadas, metade afirma como motivo de ainda não ter filhos, a questão econômica, instabilidade financeira, planos e carreira, segurança financeira. Pelos dados coletados podemos considerar que, por essa prioridade mais da metade delas possuem uma certa estabilidade no âmbito profissional, e ressalta-se que das 9 que responderam o questionamento obtivemos uma média mensal de ganhos familiares de R\$ 3.611,00.

Com relação a decisão por ter filho a partir dos 28 anos foi diagnosticado a partir dos dados que, das 12 mulheres entrevistadas 8 não acreditam ter uma idade ideal para engravidar, apontaram como definição para decisão de engravidar, a questão da preparação psicológica, planejamento e instabilidade financeira da mulher, dos relatos podemos destacar dois, que apresentam dados mais relevantes. A primeira entrevistada relata que: “Não acho que um número determine as capacidades de ser mãe, mas creio que tem que ser quando você se sente preparada para cuidar de uma vida, educar, dar o necessário, pois você é responsável por tudo a partir do momento que você engravida” (B.P. Entrevista A. [nov. 2016]. Entrevistador: Daiana Francieli da Rosa de Oliveira . Chapecó, 2016).

A segunda entrevistada afirma que: “Acho que não, acredito que temos que estar preparada psicologicamente e financeiramente instável para gerar outro ser” (E.P. Entrevista G. [nov. 2016]. Chapecó).

Algumas dessas mulheres afirmam que sim, haveria uma idade ideal para a gestação, sendo 4 no total, é unânime entre elas a afirmação biológica, o critério da natureza com a relação a fertilidade e possibilidade do filho não ter má formação, entre elas podemos destacar a resposta de uma das entrevistadas que afirma: “Meu desejo era ter filhos entorno dos 30 anos. Por que já seria madura e teria uma estabilidade para mantê-lo e criá-lo e porque ainda teria energia para educar e cuidar” (V.S. Entrevista F. [nov. 2016]. Chapecó). E outra entrevistada afirma: “Agora fisiologicamente sim, entra a questão de ser mais difícil para engravidar, quanto mais tarde, pode se ter filhos mais propensos a desenvolver problemas, ou até mesmo ter uma má formação, e quanto mais tarde menos disposição, para educação e lazer do filho”. (E.P. Entrevista G. [nov. 2016]. Chapecó).

Mesmo com os anseios expostos por estas mulheres, ao relatarem sobre as

dificuldades de engravidar após os 29 anos, tendo como base questões biológicas, tais como a sua fertilidade, nota-se um discurso de empoderamento que é recorrente entre elas, que cabe a mulher decidir quando vai ter filhos ou não. “Mas o mais importante é que cada mulher possa escolher o seu momento para ter filhos”. (SANTOS, Ana. Entrevista K. [nov. 2016]. Chapecó).

Muito além de problematizações das batalhas feministas e de posições secundárias da mulher diante de uma sociedade patriarcal, para a pensadora e filósofa Judith Butler:

Não basta inquirir como as mulheres podem se fazer representar mais plenamente na linguagem e na política. A crítica feminista também deve compreender como a categoria das "mulheres", o sujeito do feminismo, é produzida e reprimida pelas mesmas estruturas de poder por intermédio das quais busca-se emancipação (BUTLER, 2010, p. 19).

Nesta proporção as mulheres estão sendo encaradas como um grupo de risco, considerando uma sociedade conhecidamente patriarcal, sendo assim o discurso feminista acaba por se legitimar como grupo que busca seu espaço mediante a estrutura até então vista, bem como sua posição perante a sociedade e sua decisão sob seu próprio corpo.

Historicamente, o feminismo galga diversas ramificações dentre suas perspectivas perante todas as necessidades femininas, não se baseando somente na caracterização de macho ou fêmea mas perante necessidades da determinação biológica, de onde parte a teoria de gênero de Judith, a qual vem causando grande polêmica.

No nosso entendimento um empoderamento feminino perante a nossa atual sociedade, desconsidera as diferenças biológicas como discurso de poder para caracterizar cada indivíduo e sua posição.

Enquanto isso esta posição de mãe e provedora do lar se perfaz diante da mídia como posição constitutiva feminina, desconsiderando assim seu papel social. Mais uma vez reforçando sua posição de fêmea reprodutora e impulsionando suas características submissas as suas crias por assim dizer.

Diante de um discurso de empoderamento essas diferenças sócio-políticas vêm se desfazendo com as posições e decisões políticas e sociais por parte da grande maioria feminina, reforçando sua posição diante da nossa sociedade.

Quando questionadas sobre a idade ideal para engravidar, 99% das



entrevistadas assumem toda a responsabilidade sobre as condições as quais estão expostas (gerar, cuidar e dar toda a assistência necessária a sua prole) ao definirem pela idade a qual acreditam ser a ideal, nestes discursos, apenas uma comenta a necessidade da presença do homem neste contexto, isso reflete em uma opressão social, onde a mulher já naturalizou sua condição como responsável única por essa nova vida.

Para a autora Judith Butler (2017), as instituições sociais devem repaginar esse modelo conservador ao qual a sociedade está inserida, neste sentido afirma que:

Instituições sociais, incluindo instituições religiosas, escolas e serviços sociais e psicológicos, também deveriam ter capacidade de apoiar essas pessoas em seu processo de descobrir como viver melhor com seu corpo, buscar realizar seus desejos e criar relações que lhe sejam proveitosas (p. 45)

Ao questioná-las se algo as incomodava quanto a sua opção de ter filhos após 29 anos, das 12 entrevistadas 2 afirmaram não se incomodar com sua escolha, às 10 restantes, sentem-se incomodadas em não ter filhos ainda, devido á falta de tempo, ao qual teriam que dispor a estas crianças.

Em seus relatos, explanam sobre seus cotidianos, deixando explícito as inúmeras tarefas que desenvolvem ao longo dos dias, ficando desta forma inviável a maternidade no momento atual em que estão vivendo. Outras na sua minoria, relatam questões financeiras e opressão social, geralmente advinda de familiares mais próximos. “Eu que terei que cuidar do bebê, alimentar, comprar roupas, fraldas, leite, é meu corpo, eu que decido quando vou querer ter filho. O que mais me incomoda é a insistência das pessoas para que eu tenha filho”. (C.S. Entrevista L. [dez. 2017]. Chapecó).

Ainda sobre a análise do questionário cedido das 12 entrevistadas, buscou se compreender a posição das mulheres que optaram em não serem mães, das participantes 3 apresentam tal postura. Seus relatos apresentam grande ênfase na teoria defendida por Butler sobre o empoderamento feminino, meu corpo minhas regras.

“Acho que desde muito nova nunca tive o desejo que outras mulheres tinham em ter bebês, sempre pensei em casar, mas nunca em ter filhos” (B.P. Entrevista A. [nov. 2016]. Chapecó).

“A maternidade para mim não é o simples ato de decidir ter um filho” (M.G. Entrevista A. [nov. 2016]. Chapecó).

“Nunca me vi como mãe, nunca desejei. Não concordo que devemos ter filhos para atender uma exigência da sociedade, da família ou até mesmo para ter alguém para cuidar na velhice. Ter um filho é algo muito sério, não se trata apenas de alimentar e dar escolaridade, trata-se de formar um cidadão, ensinar princípios, caráter, responsabilidade” (B.B. Entrevista A. [nov. 2016]. Chapecó).

Os relatos apresentados acima, demonstram com grande clareza o empoderamento destas mulheres sobre seus corpos e suas vidas, elas sentem a repreensão social quanto à naturalização dos limites impostos as elas, porém, conseguem se opor a tais imposições e projetam seu futuro com base nas ações que lhe proporcionam prazer e satisfação, isso demonstra que alguns parâmetros que até os dias atuais eram apresentados como legítimos, estão perdendo força diante das novas teorias.

A autora Judith Butler em entrevista fornecida a Prins e Meijer (2002) da universidade de Amsterdã reforça essa ideia onde afirma: “Eu me enfureço com as reivindicações ontológicas de que códigos de legitimidade constrindo nossos corpos no mundo: então eu tento, quando posso usar minha imaginação em oposição a essa idéia.”

Com relação á repreensão social percebe-se entre as mulheres estudadas, que a grande maioria diz que mesmo sentindo a opressão social, busca argumentos para justificar sua condição por ainda não ter filhos. Este resultado, reforça o empoderamento feminino, onde os velhos padrões sociais estão sendo superados e parte das mulheres estão conseguindo viver suas vidas com base naquilo que consideram mais viáveis elas.

Devido a sua escolha em não ter filhos as entrevistadas na sua maioria afirmam, que mesmo relutando a este padrão social pré estabelecido sobre a maternidade, sofrem com cobranças, delas podemos destacar o seguinte relato: “Sim, a Sociedade nos enfia goela a baixo desde muito cedo que toda mulher tem que ser mãe, que uma mulher só será completa no dia em que tiver um filho, que só encontrará a felicidade plena quanto tiver filhos, que os filhos são centro do mundo

para a mulher, mas se a mulher resolver ser o próprio centro do mundo?” (M.G. Entrevista A. [nov. 2016]. Chapecó).

Este tema foi abordado com o âmbito de apresentar esta nova mulher, que foge constantemente dos padrões até então, considerados como corretos pela sociedade vindo de uma família conservadora, com todo um ensinamento voltado para a continuidade da vida e reprodução humana, confesso que algumas respostas me impressionaram, e ao mesmo tempo foram libertadoras. Constatei que o pensamento feminino está evoluindo, de forma jamais vista e que elas estão conseguindo se enxergar muito além de meras donas de casa e reprodutoras, estão se apresentando como seres capazes de construir sua própria história, com opiniões próprias e poder de decisão.

## **5. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O desenvolvimento do presente estudo possibilitou a visualização de partes importantes das mudanças comportamentais das mulheres ao longo dos anos, partindo de um sistema patriarcal e evoluindo gradativamente a uma postura



independente, onde fica explícito por parte delas o empoderamento feminino.

Partindo dos relatos das entrevistadas ao longo da pesquisa, a maioria das carreiras atualmente assumidas pelas mulheres que estão trabalhando, e conseqüentemente o mercado de trabalho vai abrindo espaço, para cargos de chefia, ou seja, ocorre uma mudança do papel social da mulher, ela vai obtendo mais poder aquisitivo, mais poder de decisão e por estes relevantes motivos, muitas mulheres estão escolhendo ter filhos mais tarde.

A pressão social sobre a mulher com idade acima dos 28 anos quanto a maternidade, ainda é grande. O senso comum, por meio das informações que são repassadas pela mídia e conversas informais, fomentam a ideia de que existe uma idade ou período adequado para se ter uma gravidez saudável e natural, familiares e amigos as instigam diariamente para ter filhos, surgem comentários que as expõem e as reprimem, se tornando uma situação constrangedora.

As razões pelas quais as mulheres adiam a maternidade são variadas, entre elas podemos destacar a busca da mesma por uma qualificação profissional, dispendendo grande parte do seu tempo nos estudos e em assuntos relacionados ao seu crescimento profissional.

Hoje em nossa sociedade, as pessoas estão casando por volta dos 30 anos e antes de terem filhos, se preocupam com a moradia, ter as condições financeiras necessárias para a concepção e criação de filhos, buscam realizações pessoais tais como a formação acadêmica.

. Se compararmos com as mulheres de 80 anos atrás, as pessoas muitos filhos, eles eram apenas a continuação da família, não existia um planejamento como hoje, onde se é pensado em todas as possibilidades necessárias para suprir este novo ser. Hoje ao se ter um filho é pensado, em torna-lo bem formado, competitivo, bonito, saudável, tras para família e pra mulher especificamente, que hoje é muito autônoma, tras essa responsabilidade e desejo de dar a criança o melhor que a sua situação financeira possa lhe permitir, e assim adia a maternidade.

Sobre a escolha de não ser mãe, nota-se que a visão apresentada por essas mulheres, sobre filhos é relatada de forma totalmente negativa, situações que outrora não eram revelados pelas mães, são abertamente discutidos entre elas, pode ser que as mulheres sejam biologicamente iguais entre si, mas são diferentes umas das outras. Algumas querem ser mães, e outras não, a ordem social que

estabelece que a essência das mulheres na vida é serem mães. As pessoas não conseguem imaginar outras opções porque a imaginação está tomada por um discurso único, segundo o qual para ser feliz é preciso ter filhos, estes são os argumentos mais relevantes entre elas.

Por fim, os resultados obtidos a partir das doze entrevistas semiestruturadas realizadas com mulheres com idades a partir dos 28 anos, que ainda não tiveram filhos e/ou não querem ter filhos, nos permitiu compreender que parte destas mulheres demonstram uma postura contrária aos códigos de legitimidade impostos ao gênero feminino, desnaturalizando conceitos do senso comum que até hoje servem para justificar preconceitos.

Os depoimentos das entrevistadas indicam que o fato de ainda não serem mães ou não querem ter filhos, mesmos sendo a maioria casada e estando com idade acima dos 28 anos, apesar a opressão a qual a sociedade tenta submetê-las, não se sente reprimida socialmente por sua condição.

A nova mulher vem ganhando um novo destaque, que além de ser mãe, ela está também presente no mercado de trabalho, escolhendo sua profissão que melhor lhe agrade, traga prestígio profissional e benefícios. A opção da mulher considerada moderna por não ter filhos está crescendo a cada ano na sociedade. Mas esta escolha também vai depender do contexto histórico, econômico, social e cultural em que cada mulher foi posta (PATIAS E BUAES, 2012).

Assim, pode-se argumentar com base nas mulheres entrevistadas, que o estigma social até então presente de forma relevante, tem perdido força diante das novas teorias apresentadas e debatidas na atualidade. Os movimentos feministas que surgiram a algumas décadas, de forma discreta e sutil, ganharam força e forma, e todos os dias estão sendo fortalecidas com novas adeptas. Todo esse movimento feminista, traz novos contornos a sociedade, que se depara cada dia mais com mulheres independentes. Desconstruindo esses lugares pré-determinados socialmente como o *mulher-mãe*, essas mulheres se reconhecem como sujeitas e posicionam suas visões críticas dos processos tidos como naturais, instrumentalizadas pela crítica feminista se empoderaram para alcançar seus objetivos e realizar seus sonhos.

## REFERÊNCIAS

ALCANTARA, J. V. N.; CARGNELUTTI, G.; HAMPEL, M. **A mulher e o processo do tornar-se mãe.** Tese (Curso de Psicologia). Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões. IX Salão de Iniciação Científica – PUCRS. Porto Alegre, 2008.



- ALVES, J. H. M. **A evolução nas definições de família, suas novas configurações e o preconceito.** Tese (monografia curso de Direito) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Natal, 2014.
- ALVES, B. M., & PITANGUY, J. **O que é feminismo?** (Coleção Primeiros Passos). São Paulo: Brasiliense, 1991.
- BILAC, E. D. **Família: algumas inquietações.** In: CARVALHO, M. C. B. (Org.). *A família contemporânea em debate.* São Paulo: EDUC/Cortez, 2003.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero.** Feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.
- CASTRO, I. **Mamãe vai trabalhar e volta já.** São Paulo: Original, 2006
- CATRIB, A. M. F.; SILVA, R. M. **Promoção de Saúde na Adolescência e Concepções de Cuidados.** 1ª ed. Fortaleza: EdUECE, 2014.
- COELHO, V. P. **O trabalho da mulher, relações familiares e qualidade de vida.** Revista Social & Sociedade, nº 71, ano XXIII, setembro 2002.
- ENGELS, F. **A origem da família, da propriedade e do Estado.** São Paulo: Global, 1984.
- FERNANDES, M. H. **A mulher-elástico.** 2005. Disponível em: [http://www.fundamentalpsychopathology.org/uploads/files/ii\\_congresso\\_internacional\\_mesas\\_redondas/ii\\_con\\_a\\_mulher\\_elastico.pdf](http://www.fundamentalpsychopathology.org/uploads/files/ii_congresso_internacional_mesas_redondas/ii_con_a_mulher_elastico.pdf). Acesso em: 06 Maio. 2017.
- FELIX, Fabiola Angarten. **Juventude e estilo de vida: Cultura de consumo, lazer e mídia.** 2003. UNICAMPI, Campinas. 2003.
- FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir.** Rio de Janeiro: Vozes, 1975.
- FOUCAULT, M. **Os corpos dóceis. Vigiar e punir: nascimento da prisão.** 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1983.
- FUNDAÇÃO IBGE – 1983. **Censo demográfico: famílias e domicílios.** v.1, T.6, N.I Brasil, 1983.
- FREYRE, G. **Casa-grande & senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal.** 51 ed. rev. São Paulo: Global, 2006.
- JUNIOR, M. L. **Teoria e passagem pelo Brasil.** Revista VEJA. Nov. São Paulo,
- GIANLUPI, A. G. F. **Tornar-se mãe: a maternidade da gestação ao primeiro ano de vida do bebê.** Tese (Doutorado em Psicologia). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2003.
- GOFFMAN, E. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada.** Rio

de Janeiro: LTC, 1975.

GOLDENBERG, M. **A arte de pesquisar: Como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais**. Rio de Janeiro: Record, 2004.

HASENBALG, C.; SILVA, N. V. **Relações raciais n Brasil contemporânea**. Rio de Janeiro: Rio Fundo Editora; IUPERJ, 1992.

LAQUEUR, T. **Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos à Freud**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

LAGARDE, M. **O gênero En Lagarde, M: Género e feminismo. Desarrollo humano e democracia**. Madrid. Horas y HORAS, 1996.

MALUF, A. C. R. F. D. **Novas modalidades de família na pós-modernidade**. Tese doutorado. Faculdade de direito da USP. São Paulo, 2010.

MORAES, E. **Ser mulher na atualidade: a representação discursiva da identidade feminina em quadros humorísticos de maitena. Produção de identidades e processos de subjetivação em práticas discursivas**. Maringá: Eduem, 2012.

MOURA, R. H. **Encontros históricos da família brasileira com a higiene mental (1920-1940)**. Tese (Pós-graduação em Psicologia) – Universidade Estadual do Maringá. Maringá, 2008.

MINAYO, M. C. S. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2012.

OLIVIER, G. G. F. **Imagens de beleza: o dilema de Paris**. Tese (Doutorado Educação Física). Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 1999.

PAIM, E. A. **Aspectos da constituição histórica da Região Oeste de Santa Catarina**. Revista de história. 14.ed. JoãoPessoa, 2006. Disponível em:<<http://www.biblionline.ufpb.br/ojs/index.php/srh/article/viewFile/11346/6460>>. Acesso em: 08 nov. 2017.

PARISOTO, C. V. F. **A atuação das Irmãs Franciscanas Missionárias de Maria Auxiliadora em Chapecó**. Cadernos do CEOM - Ano 27, n. 40 - Histórias Locais e Imaginário Social. Chapecó, 2013

PATEMAN, C. **O contrato sexual**. Trab. Marta Avancini. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.

PATIAS, N. D.; BUAES, C. S. **“Tem que ser uma escolha da mulher!” representações de maternidade em mulheres não-mães por opção**. Psicologia e Sociedade. Vol. 24, n. 2. Belo Horizonte, 2012.

PETROLLI, Francismar. **Discursos sobre civilidade: “memória, ordem e progresso” através do jornal A Voz de Chapecó (1939 – 1951)** – Chapecó: Argos, 2006.

PRINS, B.; MEIJER, I. C. **Como os corpos se tornam matéria: entrevista com Judith Butler**. Revista Estudos feministas, vol. 10, n.1. Florianópolis, 2002.

PRIORE, M. **Monstros e maravilhas no Brasil Colonial**. In: Esquecidos por 14 Deus. Monstros no mundo europeu e ibero-americano (séculos XVI-XVIII). São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

RODRIGUES, S. G. F. **Ser Mãe: Em Extinção!?**, 2012. Disponível em: <http://encontrointimo.com.br/artigos/familia/ser-mae-em-extincao/>. Acesso em: 24 de jun. 2016.

RODRIGUES, A. A. **O corpo em cena: a sociedade administrada e o trauma nas body modifications**. Tese (Mestrado em Psicologia). Universidade Estadual de Maringá. Maringá, 2011.

SOUZA-LOBO, E. **A Classe Operária tem dois sexos: trabalho, dominação e resistência**. São Paulo: Brasiliense, 1991.

## ANEXOS

### Questionários



Questionário a ser aplicado a mulheres com idade entre 28 a 43 anos, que optaram pela gravidez tardia, ou pelo ato de não ter filhos.

1. Qual sua idade?
2. Qual sua religião?
3. Qual é seu grau de escolaridade?
4. Mora no meio urbano ou rural?
5. Sua renda familiar é de R\$: \_\_\_\_\_
6. Tem o desejo de ser mãe: ( )sim ( )não
7. Se sim, agora ou mais tarde? ( )agora ( ) mais tarde.

#### **Gravidez tardia.**

1. Você acha que existe uma idade ideal para engravidar?
2. Que fatores a levaram, a optar por uma gravidez após os 27 anos?
3. Sente-se reprimida, sobre a sua escolha de engravidar em um período considerado tardio? ( )sim ( ) não
4. Se sim, quais são estas pessoas, ou meio social que exercem em você maior coerção? Exemplifique.
5. Quanto à sua escolha, o que mais lhe incomoda?

#### **Negação à maternidade.**

1. Qual foi o ponto principal que a fez desistir da maternidade?

2. Se sente reprimida socialmente pela sua escolha?
3. Questões referente ao seu futuro sem descendência lhe incomoda? Por que?
4. Sua posição social, interfere de forma direta nesta sua escolha?
5. Quanto à sua escolha o que mais lhe incomoda?
6. O carinho que cederia a uma criança, pode ser dispensado a um animal de estimação?

## ANEXOS

| IDADE | ESCOLARID. | RENDA | MOTIVOS<br>OPTAR | POR<br>PELA | OBSERVAÇÕES<br>RELEVANTES |
|-------|------------|-------|------------------|-------------|---------------------------|
|-------|------------|-------|------------------|-------------|---------------------------|

|    |                   |                    | <b>GRAVIDEZ APÓS 29 ANOS</b>   |  |
|----|-------------------|--------------------|--|--|
| 31 | Superior completo | 5 Salários mínimos | Questões de ordem econômica e ligada a uma maturidade psicológica  | Tem medo de não ter condições para após 35 anos. Não sofre coerção social.   |
| 29 | 2º Grau completo  | R\$ 1.800          | Medo, insegurança desse mundo, saber como criar.   | Sente coerção social "a cobrança é grande tanto da família quanto da sociedade ao redor. Penso que eles acham que se não tem filhos ainda não somos casal perfeito. Mas eu discordo pois sou muito feliz e quero sim ser mãe, mas tudo acontecerá no tempo certo, no tempo de Deus." |
| 41 | Pós Graduada      | R\$ 5.000          | Não optei. As necessidades do trabalho, da família e da Igreja me levaram a deixar a vida pessoal de lado. Cedi à pressão das pessoas ao meu redor e esqueci de mim. | Não tenho coerção das pessoas ao meu redor para engravidar. Via de regra, as pessoas pensam apenas em suas próprias necessidades.  |
| 43 | 2º Grau Completo  | R\$ 1.200          | Ter uma relação estável e segurança  | Por ter que cuidar da irmã mais nova. "Me  |



|    |                   |           |  |   |
|----|-------------------|-----------|--|---|
|    |                   |           | financeira   | sentia responsável, sempre cuidava dela quando a mãe ia trabalhar. Sempre que ia a algum lugar levava ela junto”  |
| 29 | 2º Grau Completo  | –         | Ter outros planos, carreira, depois filho  | O que mais lhe incomoda quanto a opção de uma gravidez tardia. “É tudo meio contraditório, quero e não quero, quero mais pra frente, mas tenho medo de ser muito tarde, como todos dizem, mas também tenho medo de não estar pronta, preparada, planejo somente depois que estiver com meu negócio instável (por enquanto estou me satisfazendo com sobrinhos). |
| 29 | Superior Completo | R\$ 4.800 | Saúde e financeiro. Meu desejo era ter filhos entorno dos 30 anos. Por que já seria madura e teria uma estabilidade para mantê-lo e criá-lo e porque ainda | O que mais lhe incomoda quanto a opção de uma gravidez tardia. “Queria ter tido antes, mas por questão de saúde tive que adiar”   |

|    |                          |                                       |  |  |
|----|--------------------------|---------------------------------------|--|--|
|    |                          |                                       | teria energia para educar e cuidar   |  |
| 33 | Bacharel e Administração | Não consegue estipular um valor exato | Casamos e viemos morar na Alemanha. Então achamos que não era o momento certo pois além de ser tudo novo gostaríamos de curtir um pouco a vida de casados e primeiro ter uma vida um pouco mais estável para aí sim ter nosso primeiro filho 😊 | Existe uma idade ideal para ser mãe. “Acho que não existe idade ideal para ter filhos, porém hoje as pessoas optam em planejarem um pouco mais.” |
| 34 | Superior Incompleto      | R\$ 3.000                             | Aproveitar bem a vida  | O que mais lhe incomoda quanto a opção de uma gravidez tardia. “Talvez não conseguir aproveitar os melhores momentos ao lado da criança”.        |